

más amplia y asentada entre estudiosos de uno y otro país, pueden ser muy bien punto de partida para incorporar una perspectiva imagológica a la investigación literaria comparatista, al mismo tiempo renovadora y atrayente para nuevas generaciones de investigadores más inclinados hacia los problemas que proponen los Estudios Culturales. Un libro imprescindible, por lo tanto, para aquellos interesados en una lectura del discurso literario en cuanto que vehículo de imagotipos, tanto por la base teórica propuesta como por los estudios de caso que se nos ofrecen.

João Medina, *Os meus vícios*, Vila Nova de Famalicão, Húmus, 2011, 207 pp. e *A minha América*, Guimarães, Opera Omnia, 2012, 437 pp.

Maria Luísa Leal
Universidad de Extremadura
lleal@unex.es

Num espaço de poucos meses, concretamente em dezembro de 2011 e maio de 2012, João Medina publicou dois livros entre os quais existem vários nexos, estando o principal patente no título: o uso dos possessivos – “os meus” e “a minha” – instaura uma subjetividade que se antepõe ao conteúdo de cada uma das obras. O “eu” que se assume nos títulos percorrerá as 644 páginas de uma prosa variada quanto ao género e temática, conferindo-lhe unidade e orquestrando o pacto de leitura.

No próprio corpo dos textos verificam-se pequenas remissões que atestam a existência de uma unidade que, numa espécie de crosta temática, passa despercebida. Na página 86 de *Os meus vícios*, encontramos uma referência à preparação da segunda obra: “[...] nessa Nova Inglaterra à qual dediquei tantas crónicas entusiásticas no *JL* (e que ando a reunir para um livro de amor fiel que se há-de chamar *A minha América*)” (Medina: 2011). Na segunda, podemos ler o seguinte: “[...] relembro que esta *minha América* é subjectivíssima e não pretende, assim, ser um ensaio sobre a cultura americana, mas um mero catálogo dos “meus amores” ou dos meus vícios” (Medina: 2012, 183). Estas alusões revelam a existência de um núcleo comum, um projeto coerente e muito mais ambicioso do que a simples reunião de crónicas. Observe-se que a expressão “mero catálogo” de vícios ou de

amores deve ser percebida como uma classificação irónica, numa prática de auto-relativização característica do autor que, no caso vertente, funciona como armadilha para o leitor desprevenido. Ainda que contenham uma inequívoca dimensão de catálogo ou inventário, visto que estes vícios ou amores estão associados a um “eu” perfeitamente donjuanesco, que se compraz em enumerar as suas conquistas, a profundidade que os caracteriza nada tem que ver com o esqueleto de um inventário. Desengane-se o leitor apressado de catálogos se pensa poder ler estes livros em diagonal, detendo-se apenas num ou noutro objeto de culto. São obras que exigem tempo e disponibilidade, mas que garantem aquilo que o livro, enquanto metáfora de viagem, proporciona: a transformação do leitor. Pode mesmo acontecer que se trate de obras que não são para serem lidas de maneira rápida, mas para se irem lendo, sendo neste caso produtiva a metáfora do passeio, da pequena incursão aventureira.

O recurso às metáforas da viagem e do passeio permite-nos avançar a seguinte reflexão: estamos perante duas obras que, sem serem relatos de viagem, têm que ver com a literatura de viagens porque nelas se articula uma relação produtiva entre viagem, exílio e aprendizagem. Apesar de uma assumida e até reivindicada dimensão autobiográfica, tendo mais a recebê-las como constructos de uma subjetividade que viaja com livros (com a postura tão típica do intelectual que vê a sua percepção da realidade mediada pelas suas leituras), construindo-se ficcionalmente no contacto com elementos de uma realidade profusamente representada através de referentes verificáveis se passarmos do texto para o mundo. Porém, e apesar da possibilidade desta verificação através de fontes documentais honesta e profusamente citadas em extensíssimas notas de rodapé, a dimensão que se me afigura como mais interessante para um ulterior estudo destas obras é o filtro subjetivo, a história da construção de um sujeito fictício que, visivelmente, entusiasma o autor, desconfiado dos limites da autobiografia: “Em alguns livros tentei resumir estas peregrinações e aventuras, dando-lhes um sentido e uma lógica, como naquele que se editou em fins de 2006 (*Náufragos do Mar da Palha*), mas receio que o género autobiográfico não passe duma ficção na primeira pessoa [...]” (Medina: 2011, 84-85).

É um sujeito que busca cumplicidade e empatia, que combina complacência e provocação, que estende uma mão pacientemente didática, mas que regressa, tantas e tantas vezes, aos seus cavalos de batalha, mesmo quando estes são suscetíveis de lhe restarem leitores.

Aí reside uma característica de uma prosa torrencial e esmagadora quando trata de ajustar contas com o passado, tanto no plano pessoal (dissidência em relação à ditadura e assunção das respetivas consequências) como histórico (perseguição aos judeus e consequente empobrecimento do capital humano em épocas mais distantes da história de Portugal, para dar apenas um exemplo). Uma prosa que, no entanto, também é capaz de conter a sua tendência para o libelo acusatório e assumir uma leveza quase lírica, um olhar particularíssimo sobre o real quotidiano que transfigura objetos banais e os converte em símbolos de uma mitologia pessoal: o encontro, face a face, com uma cigarra da Provença, o jardinzinho do Vert Galant em Paris ou o paredão de Cascais são exemplo da apropriação feliz de paisagens alheias e da respetiva conversão em marcos imaginários da construção do sujeito mediniano. Finalmente, uma prosa disciplinada por um ofício de historiador que se coloca sempre ao serviço dos seus objetos de estudo e que persegue (e alcança) uma clareza invejável, capaz de combinar a pedagogia de uma explicação muito concreta com uma grande erudição. É o que se observa, por exemplo, em todas as páginas que dizem respeito ao cinema de Hollywood em *A minha América*. Sem que João Medina pretenda estabelecer nenhum cânone nem ser exaustivo e reivindicando sempre como critério único das suas escolhas os seus gostos pessoais, a verdade é que, ainda que os não partilhe, o leitor encontrará nestas páginas uma informação notável tanto em relação ao fenómeno em si e à sua relação com o imaginário americano, como a centenas de pormenores inventariados com a paciência do colecionador e apresentados com o amor empenhado que poderíamos encontrar no comissário de uma exposição temporária de um hipotético museu do saber universal.

Poder-se-á perguntar: porquê temporária? Porque tudo, neste universo, é verve de um sujeito. E este sujeito não escreve tantas páginas apenas por *habitus*. Constrói-se entre a busca do sentido de um percurso de lugares que vão do exílio ao turismo e a consciência de ser “pó levantado”, como escreveu António Vieira (*Apud* Medina: 2011, 81). Ou, dito de maneira mais radical: “Mas nem pó somos, afinal, mas mera sombra desse pó, sonho silencioso de um pó que, uma vez, agora ou há séculos atrás, foi pó que se levantou e espera apenas o momento de sermos deitados por terra, devolvidos à nossa final condição de *pó caído*” (Medina: 2011, 83).

Em *Os meus vícios*, na sua terceira parte intitulada “O bater do meu coração”, encontramos uma questão fundamental: a da razão de

ser da sua existência, questão que acompanha uma tomada de consciência da própria finitude, ao fazer um ecocardiograma: “[...] o meu órgão essencial, aquele que mantém vivo o ser mortal que sou, que o irriga de sangue e o faz pulsar por todo o meu organismo, e me permite, por exemplo, escrever estas linhas numa folha branca, durante umas férias tranquilas na Corrèze, sai da sua modesta obscuridade e dá os primeiros sinais de fraqueza, de fadiga, de envelhecimento natural” (Medina: 2011, 78). É justamente nesta parte que a entidade que diz “eu” – note-se que evito chamar-lhe “autor” – nos oferece uma leitura orientada do seu passado à luz daquilo que chama o “labirinto do exílio”, um “estrangeirismo que acabaria por se tornar numa segunda natureza íntima e indelével” (Medina: 2011, 84). No essencial, fá-lo sob forma de interrogação, uma interrogação ampla, assente numa retórica poderosa, baseada na figura da acumulação. Por isso, não poderemos cortá-la, terminando com essa citação este breve convite à leitura de *Os meus vícios* e *A minha América*, de João Medina, não como quem vai apenas à procura dos seus temas mais explícitos, mas como quem se interessa pela figura de sujeito que ambos configuram, uma entidade a cavalo entre mecanismos de veridicação próprios da autobiografia ou do ensaio e a ficção que deriva do próprio ato de rememoração e da respetiva narrativização:

Que sentido dar a todas estas viagens e expatriações forçadas ou voluntárias, de barco e de comboio, de avião e de carro, pela Europa, pela África e Américas – onde uma certa família de marranos madeirenses, oriundos de Espanha no tempo da ocupação filipina, deportada durante o oitocentismo para Cabo Verde pela contra-revolução anti-liberal, ali se radicaria e se multiplicaria desde o século XIX, uma vez que os meus bisavós, avós e meu pai nasceram nas ilhas africanas, assim como dois dos meus filhos nasceriam, no exílio, em terras de França, em Estrasburgo e Aix. Como explicar este gene da errância e da viagem compulsiva – recordo o rifão sionista: “Pode tirar-se o judeu do exílio, mas não o exílio do judeu” –, de perder algumas terras e ganhar outras, de ter duas ou mesmo mais pátrias, uma maior, a propriamente nacional, e uma mais pequena e mais íntima, a tal *patria chica* de que falam os espanhóis, que não é aquela onde viemos ao mundo a mando do cego Acaso, mas o dilecto rincão onde optámos, por fim, voltar a criar raízes, que tornamos realmente nossa por nela residirmos e nos sentirmos bem, como terra escolhida – terra prometida finalmente dada? –, de acolhimento e de preferência, como este meu Monte Estoril onde vivo, há quase duas décadas, e onde, cada vez mais, sinto como o meu húmus verdadeiro e final, não a mera

Ítaca a que mecânica e ritualmente se volta depois dum ciclo de longas peregrinações (que vem de *per agros*, “pelos campos”) feitas de tantos caminhos, descaminhos e desvios, de alpondras arduamente atravessadas no meio de temporais desfeitos, mas a Ítaca utópica que fundamos ao declará-la como tal, o lugar mítico mas real onde voltamos a ter aquelas raízes verdadeiras, não aquelas onde nos plantaram sem nos consultarem? (Medina: 2011, 87).